

## ASPECTO NA GRAMÁTICA INFANTIL<sup>1</sup>

### *ASPECT IN CHILDREN'S GRAMMAR*

Arabie Hermont<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho demonstra resultados de estudos e tem três principais objetivos: entender como as categorias tempo e aspecto estão representadas nas gramáticas mentais de crianças, verificar qual categoria surge primeiro na gramática infantil e compreender em que medida aspecto semântico influencia o surgimento de formas gramaticais aspectuais. As reflexões foram realizadas com base em diversos autores que versam sobre o tema e os resultados convergem para a adoção da divisão do nóculo tempo em tempo e aspecto, para a aquisição de aspecto anterior à noção de tempo e para uma análise composicional da relação entre aspecto semântico e aspecto gramatical.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria gerativa; aquisição da linguagem; tempo e aspecto verbais; composicionalidade; advérbios.

#### ABSTRACT

This paper shows study results and has three main objectives: to understand how tense and aspect categories are represented in children's mental grammars, to verify which category first appears in children's grammar and to understand to what extent the semantic aspect influences the emergence of aspectual grammatical forms. The reflections were carried out based on several authors that deal with the subject and the results converge on the adoption of the division of the tense node in tense and aspect, on the acquisition of aspect before the notion of tense and on a compositional analysis of the relation between semantic aspect and grammatical aspect.

**KEYWORDS:** Generative theory; language acquisition; verbal tense and aspect; compositionality; Adverbs.

---

<sup>1</sup> Este trabalho trata de um conjunto de pesquisas, as quais tiveram financiamento de diversos órgãos, quais sejam: (Hermont & Morato, 2014) e Miranda (2018) foram realizados com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES); Hermont (2013) teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas (FAPEMIG) e Castro & Hermont (2017) e Castro & Hermont (a sair) obtiveram apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Letras. Contato: arabie@uol.com.br.

## 1. Introdução

Este trabalho assenta-se nos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa (Chomsky, 1995 e 2000). Desta forma, assume-se que a preocupação central dos estudos gerativistas é a descoberta das informações linguísticas geneticamente codificadas. Desde a década de 80, as pesquisas empreendidas dentro do arcabouço gerativista (como Borer (1984)) têm seu foco no entendimento das categorias funcionais, por elas serem consideradas responsáveis pelas diferenciações entre as línguas naturais. Por essa razão, têm sido alvo de investigações no processo de aquisição de linguagem, pois estudos sobre essa fase podem nos indicar não só como determinadas categorias são caracterizadas na gramática infantil, mas também como os parâmetros de determinada língua estão sendo fixados.

Duas categorias funcionais que têm merecido vários estudos são tempo e aspecto. A primeira é “categoria dêitica, isto é, localiza situações no tempo” e a segunda “está relacionada ao tempo interno da situação” e deve ser concebido tanto do ponto de vista semântico quanto gramatical. Em relação à segunda categoria, temos muitos autores trazendo diversas concepções. Algumas importantes obras para nosso trabalho são de Travaglia (2006), Comrie (1976), Vendler (1957), Smith (1997), Bertinetto (2001) e Verkuyl (2005).

Este artigo pretende apresentar um histórico e reflexões acerca de resultados de vários estudos empreendidos dentro do projeto de pesquisa, coordenado por mim, denominado: “Traços formais na gramática mental de indivíduos com e sem déficit de linguagem”. Para tanto, apresentaremos resultados de pesquisas, tais como Hermont (2013), Hermont Morato (2014), Castro e Hermont (2017) e Miranda (2018).

O objetivo maior deste artigo é apresentar reflexões acerca de um percurso no processo de investigação de representação da categoria aspecto nas gramáticas mentais de crianças sem queixas de problemas no processo de aquisição da linguagem e de crianças com queixas de problemas no processo de aquisição de linguagem – crianças DEL. Assim sendo, estabelecemos três objetivos específicos: entender como categorias tempo e aspecto estão representadas nas gramáticas mentais de crianças com e sem déficit linguístico; verificar qual categoria – tempo ou aspecto - surge primeiramente na gramática infantil; e compreender em que medida aspecto semântico influencia o surgimento de formas gramaticais aspectuais.

Desta forma, acreditamos que este trabalho contribui para o entendimento da representação de tais categorias na gramática mental dos indivíduos delineados anteriormente, mas também para a discussão a respeito da representação de tais categorias na gramática de indivíduos adultos sem problemas de linguagem, já que a ‘falta’ pode nos apontar caminhos

para entender como se dá o funcionamento de determinadas categorias na gramática adulta sem déficit linguístico.

Este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, serão apresentadas várias abordagens sobre aspecto, demonstrando a diferença entre tal categoria e tempo. Na seção seguinte, serão trazidas abordagens sobre aquisição de tempo e aspecto por parte de crianças sem déficit linguístico e de crianças com déficit específico de linguagem. Posteriormente, será apresentada a metodologia proposta para este artigo. Em seguida, serão exibidos os resultados dos diversos trabalhos e as análises realizadas. Por fim, serão apontadas as considerações finais.

## 2. Aspecto

A categoria aspecto resguarda similaridades com a categoria tempo já que elas envolvem a noção de tempo. Entretanto, há que se distingui-las. Um autor que trata do tema é Comrie (1976, p. 5), que traz a seguinte diferenciação: tempo é uma “categoria dêitica, isto é, localiza situações no tempo”. Já aspecto “está relacionado ao tempo interno da situação”.

Em relação à noção de tempo, Travaglia (2006) que nos aponta o seguinte:

tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como **anterior** (passado), **simultâneo** (presente) e **posterior** (futuro) a esse momento. É uma categoria dêitica uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. (TRAVAGLIA, 2006, p. 39)

Já aspecto é definido pelo mesmo autor da seguinte forma:

A categoria de **aspecto** não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz Comrie (1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a **constituição temporal interna da situação**, sua duração. Assim para efeitos de distinção podemos dizer que o **tempo** é “um TEMPO externo à situação” e o **aspecto** é “um TEMPO interno à situação”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 39)

As duas categorias, em alguma medida, serão tratadas, entretanto, a categoria aspectual é o tema principal deste trabalho e sobre a qual passa-se, a partir de agora, a explicitar.

Um dos clássicos a tratar da noção de aspecto é Vendler (1957). O autor não nos traz explicitamente a noção aspectual ligada a SV, mas pode-se entender dessa forma, à medida que sempre aponta exemplos contemplando o complemento verbal. Para Vendler, alguns verbos são caracterizados por uma sucessão de fases e outros, não. Além disso, alguns verbos teriam uma definição temporal e outros, não. Com base em tais noções, Vendler propõe a seguinte classificação: verbos de estado, de atividade, *accomplishments* e *achievements*. Os verbos de estado seriam marcados pela não sucessão de fases e não teriam uma demarcação de tempo.

Então, quando alguém amou outro alguém de um tempo 1 (t1) a um tempo 2 (t2) significa que, em algum instante entre t1 e t2, alguém amou aquela pessoa. Os verbos de atividades seriam caracterizados por terem uma sucessão de fases, mas não teriam uma marcação de tempo de forma inerente. Dessa maneira, se alguém que estava correndo em um tempo t, significa que o instante de tempo t está na extensão de tempo no qual esse alguém estava correndo. Já os *accomplishments* teriam tanto uma sucessão de fases, quanto um fim temporal. Assim, se alguém estava desenhando um círculo em t, significa que estava no intervalo de tempo em que esse alguém desenhou esse círculo. Por fim, Vendler nos apresenta os *achievements*, que não teriam sucessão de fases, mas teriam um final. Assim, se alguém, por exemplo, venceu uma corrida entre t1 e t2, significa que o instante de tempo em que esse alguém venceu aquela corrida está entre t1 e t2.

O autor apresenta exemplos dos diversos tipos de verbos. Para os de estado, ele aponta: saber, possuir, desejar, querer, gostar/odiar e acreditar. Para verbos de atividade, temos correr, nadar, escrever, trabalhar, puxar/empurrar algo. Como exemplos de verbos *accomplishment*, Vendler assinala: pintar um quadro, fazer uma cadeira, construir uma casa, escrever um livro, desenhar um círculo, dar um sermão. Veja-se que, em todos os exemplos para os *accomplishments*, há a consideração de um complemento. Por fim, para os *achievements*, o autor apresenta os seguintes exemplos: reconhecer, perceber, encontrar/perder, chegar ao cume, ganhar uma corrida e morrer.

Smith (1997) baseia sua proposta em Vendler e sugere que as noções aspectuais estejam ligadas a duas linhas: (i) o tipo de situação, que classifica o evento ou o estado apresentado na sentença de acordo com suas propriedades temporais, e (ii) o ponto de vista, que acrescenta à sentença uma perspectiva temporal, dando uma visão parcial ou total da situação que está sendo tratada.

Em relação aos tipos de situação, Smith (1997) postula cinco categorias de acordo com as propriedades temporais caracterizados pelos seguintes traços: [+/-] dinamismo, [+/-] duratividade e [+/-] telicidade. Dessa forma, os verbos de estado são caracterizados por serem [-] dinâmico, [+] durativo e [-] télico. Os verbos de atividade seriam [+dinâmico], [+durativo] e [-télico]; os verbos do tipo *accomplishment* seriam caracterizados pelo seguintes traços: [+dinâmico], [+durativo] e [+télico]; os verbos do tipo *achievement* [+dinâmico], [-durativo] e [+télico]. Smith amplia sua classificação, propondo os semelfactivos, que seriam marcados pelos traços [+dinamismo], [-duratividade] e [-télico].

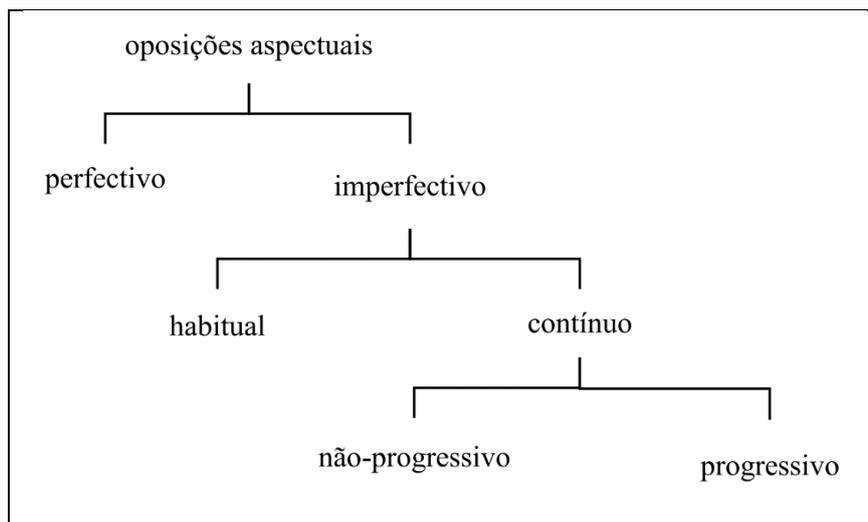
De acordo com Smith, o tipo de situação é dado por propriedades inerentes à constelação verbal. Ao usar esse termo, a autora refere-se ao verbo principal, aos seus argumentos e aos

adjuntos. O ponto de vista estaria ligado aos morfemas gramaticais e aos verbos auxiliares. Nesta segunda linha estariam os aspecto perfectivo e imperfectivo.

Bertinetto (2001) propõe um quadro similar ao de Smith, mas, no lugar de traço de telicidade, usa a noção de homogeneidade, já apontada por Vendler (1957). Então, um evento como ‘correr’ é homogêneo, já que uma parte de ‘correr’ é ‘correr’. Por outro lado, ‘pintar um quadro’ não é homogêneo, já que uma parte de ‘pintar um quadro’ não é ‘pintar um quadro’. Os verbos de estado seriam caracterizados pelos seguintes traços: [+durativo], [-dinâmico] e [+homogêneo]. Os verbos de atividade seriam marcados por posituação em todos os traços: [+durativo], [+dinâmico] e [+homogêneo]. Os verbos *accomplishments* seriam assim caracterizados: [+durativo], [-dinâmico] e [-homogêneo]. Por fim, os *achievements* seriam marcados pelos traços [-durativo], [-dinâmico] e [+homogêneo].

Outro importante nome nos estudos sobre aspecto é Comrie (1976, p. 25) que apresenta a seguinte classificação de oposições aspectuais:

Figura 1: Classificação de oposições aspectuais



Fonte: Comrie, 1976, p. 25

Nessa perspectiva, perfectividade (Comrie, *op. cit.* p. 17) seria a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que fazem aquela situação, enquanto o imperfectivo dá atenção à estrutura interna da situação. Um exemplo trazido pelo autor (*op. cit.*, p 3), traduzido para o português: “Ele leu” e “Ele estava lendo”. A diferença entre as sentenças não se deve à categoria de tempo, pois ambas estão no passado. A diferença reside na noção aspectual, sendo a primeira sentença marcada pelo aspecto perfectivo e a segunda marcada pelo aspecto imperfectivo.

Em determinadas línguas, há uma única categoria para caracterizar a imperfectividade, mas há outras em que essa noção pode ser subdividida em uma variedade de categorias distintas. O autor aponta os aspectos habitual e contínuo. As situações marcadas pela habitualidade seriam caracterizadas pela repetição de uma dada situação por um período de tempo extenso, tão extenso que tal situação não pode ser referida como uma propriedade incidental do momento, mas, precisamente, como um traço característico de todo o período. Já o aspecto contínuo é definido, de acordo com Comrie (*op. cit.*, p. 26), como o imperfectivo em que não há habitualidade. O aspecto contínuo pode ser subdividido em progressivo e não progressivo. Para elucidarmos tais noções, vejamos:

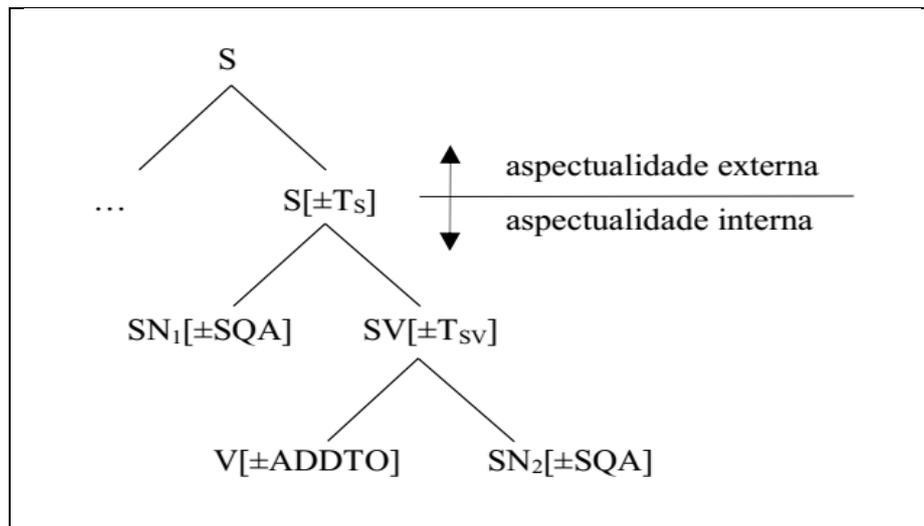
Chama-se progressiva uma forma verbal que indica que uma ação está se realizando (não acabada); em particular, progressivo é o nome da forma verbal do inglês, composta pelo verbo *be* e da forma *-ing* (I am going). No português, a forma progressiva é composta de *estar* e da forma *-ndo*. (Dubois *et al.* 1998, p. 488).

Em Crystal (2000, p. 212), encontramos um trecho que pode complementar a definição anterior: “Geralmente, o contraste é entre “progressivo” e “contínuo” (Ex.: I am going – “Estou indo”) e o não-progressivo ou “simples” (Ex.: I go – “Eu vou”).

Outro autor que estuda a categoria aspectual é Verkuyl (2005) que propõe que a composicionalidade seja estabelecida por meio do que ele denomina de átomos semânticos [+/- ADD] e [+/- SQA]. A posituação do traço [+ADDTO], nessa perspectiva, expressaria dinamicidade, mudança e não estatividade. Os verbos estativos, então, seriam caracterizados por [-ADDTO]. O traço [SQA] está relacionado à quantidade especificada de coisas. Quando se indica que algo pode ser [+SQA], ele é discernível, contável ou mensurável. O contrário ocorre quando o traço é [-SQA].

Ao propor a figura a seguir,

Figura 2: Composição aspectual



Fonte: Verkuyl (2005, p. 20)

Verkuyl afirma que as informações expressas pelos traços  $[\pm ADDTO]$  do verbo e  $[\pm SQA]$  dos argumentos é que constituem os ingredientes do composto aspectual. Então, para uma sentença como ‘Mary caminha três milhas’<sup>3</sup>, em que temos tanto na posição de sujeito, quanto na posição de complemento verbal especificações, portanto, constituintes marcados pelo traço  $[+SQA]$ , teremos a leitura aspectual terminativa, como ocorre em:

[S Mary [SV caminha três milhas]]  
 [+TS [+SQA] [+TSV [+ADDTO] [+SQA]] terminativo

Já para uma sentença como ‘Maria caminha milhas’, temos a marcação de  $[+SQA]$  somente na posição de sujeito, mas não para o constituinte na posição de complemento do verbo. Assim sendo, temos uma leitura durativa, como se pode verificar em:

[S Maria [SV caminha milhas]]  
 [-TS [+SQA] [-TSV [+ADDTO] [-SQA]] durativo

A noção de duratividade permanece em ‘Crianças caminham milhas’, pois, na posição de sujeito, não há a marcação positiva do traço  $[SQA]$ , como se observa em:

[S Crianças [SV caminham três milhas]]  
 [-TS [-SQA] [+TSV [+ADDTO] [+SQA]] durativo

<sup>3</sup> Os exemplos aqui apresentados foram retirados de Verkuyl (2005, p. 204) e traduzidos para o português.

Por fim, em uma sentença como ‘Maria economiza três milhas’, tem-se a duratividade porque o verbo não é marcado pela duratividade, dinamismo e não estaticidade, como se observa em:

[S Mary [SV economiza três milhas]] [-TS [+SQA] [-TSV [-ADDDTO] [+SQA]]] durativo
--

Assim, Verkuyl (2005) demonstra o processo de composição aspectual por meio de uma álgebra de traços. O verbo é marcado para uma propriedade semântica e combina-se com o NP argumento interno, também especificado para uma propriedade semântica, constituindo o nível SV, que carrega determinada informação semântica aspectual. Em seguida, o SV se concatena ao NP argumento externo, formando o nível S, que expressa uma informação aspectual complexa. De acordo com essa abordagem, nas sentenças em que há valores negativos provocados pela natureza não especificada dos argumentos ou pela estaticidade do verbo, o que ocorre é uma leitura aspectual de duratividade. De outro modo, a noção de terminatividade só é possível no nível S se todos os seus valores aspectuais componentes forem positivos, tal como ocorre em ‘Mary caminha três milhas’. Assim, a noção de terminatividade é, na verdade, uma propriedade composicional da sentença, e não uma propriedade intrínseca do verbo. Portanto, a informação aspectual de cada nível é constituída a partir de informações coletadas em níveis inferiores.

Até este momento, foi demonstrada a caracterização de aspecto e, em menor medida, de tempo em verbos. Entretanto, essas noções podem ser representadas também pelos advérbios, tal como em:

Clarisse foi à escola ontem. Clarisse vai à escola todos os dias.
--

No primeiro exemplo, há a marca temporal de passado expressa no verbo, como também no advérbio ‘ontem’. Já na segunda sentença, tem-se a expressão adverbial ‘todos os dias’ denotando a natureza aspectual repetitiva do evento.

Ilari (2002) aponta que o uso de advérbios de tempo pode indicar ou reforçar as noções temporais de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, como os advérbios “ontem”, “hoje”, “amanhã”, respectivamente. O autor ainda indica outros advérbios, como “antigamente”, “no meu tempo”, “recentemente”, para caracterizar tempo (ILARI, 2002, p.

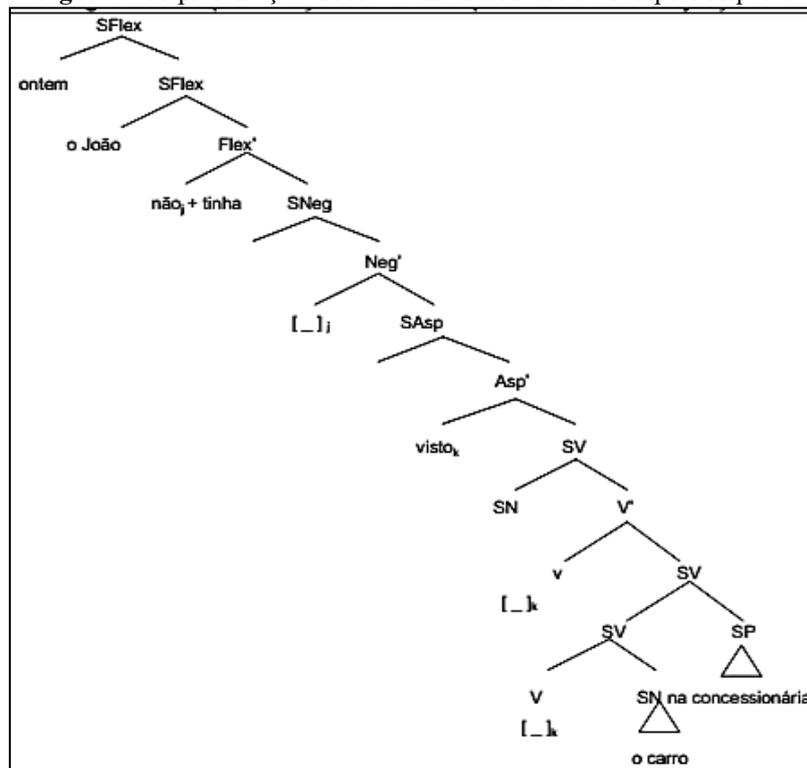
141). Em se tratando de uma noção aspectual, Ilari apresenta locuções adverbiais como “às vezes”, “vez por outra”, “sem parar” etc. (ILARI, 2002, p. 141).

Se não há dúvida que advérbios ou expressões adverbiais podem determinar tempo e aspecto em uma sentença, não há consenso na adoção de uma explicação para o lugar desse constituinte na árvore sintática. Rocha & Lopes (2015) assumem que o advérbio se adjuge a uma categoria já existente. Já Cinque (1999), em seu famoso trabalho sobre advérbios e categorias funcionais, assume que os determinados advérbios de tempo e de aspecto, dentre outros, ocupariam o lugar de especificador de uma categoria funcional.

Assim, para Rocha e Lopes (2015), os adjuntos consistem em termos que não são selecionados por um dado núcleo, como, por exemplo, o verbal que pode, no máximo, selecionar três argumentos. Para as autoras, os advérbios não seriam selecionados como argumentos e seriam, conforme já dito, adjungidos. A adjunção seria um processo sintático que agregaria um elemento a uma categoria já existente, expandindo-a. Vale dizer que tais autoras (2015, p.160), apesar de concluírem que os adjuntos não são selecionados pelo verbo, tais constituintes selecionam os elementos aos quais vão se adjungir, definindo o escopo como alcance para a modificação de um determinado elemento na sentença.

As autoras propõem a seguinte árvore para acomodar os nódulos de tempo e aspecto e seus respectivos advérbios, em que há uma adjunção à esquerda:

Figura 3: Representação arbórea com os nódulos de Tempo e Aspecto



Fonte: Rocha e Lopes (2015, p. 184)

A teoria de Cinque (1999) propõe a Hipótese do Especificador (HE), em que o advérbio na posição de especificador de projeções funcionais, isto é, cada advérbio ocuparia, na sintaxe, uma posição de especificador estabelecida como consequência do ordenamento rígido de núcleos funcionais. A estrutura sentencial seria rígida e a aparente mobilidade dos advérbios na superfície da sentença seria o resultado de operações sintáticas que podem incidir sobre a estrutura subjacente da sentença. Além disso, a ideia é que os advérbios ocupem posições mais rígidas em um dado especificador e esse AdvP corresponda semanticamente ao núcleo funcional daquela projeção. Nessa perspectiva, Cinque (1999) propõe que os advérbios sejam especificadores de categorias funcionais e, como tal, chequem traços do núcleo dessas categorias. A seguir, um diagrama com a proposta feita pelo autor:

**Figura 4:** Advérbios e núcleos funcionais de acordo com Cinque (1999)

[francamente Modo ato de fala [felizmente Modo avaliativo [evidentemente Modo evidencial [provavelmente Modalização epistêmica [uma vez T (Passado) [então T (Futuro) [talvez Modo irrealis [necessariamente Modalização necessidade [possivelmente Modalização possibilidade [normalmente/geralmente Asp habitual [novamente Asp repetitivo(I) [frequentemente Asp frequentativo [intencionalmente Modalização volitiva [rapidamente Asp celerativo [já T (Anterior) [não mais Asp terminativo [ainda Asp continuativo [sempre Asp perfectivo(?) [só Asp retrospectivo [brevemente Asp proximativo [brevemente Asp durativo [caracteristicamente(?) Asp genérico/progressivo [completamente Asp completivo(I) [tudo Asp completivo [bem Voz [rápido/cedo Asp celerativo(II) [de novo Asp repetitivo(II) [frequentemente Asp frequentativo(II) [completamente Asp completivo(II)
--

Fonte: CINQUE, 1999, p.106

O mais interessante, em um contexto de uma Gramática Universal, é que a proposta de Cinque (1999) sugere que a mesma hierarquia das projeções funcionais estaria presente em todas as sentenças de qualquer língua, mesmo não havendo material morfológico visivelmente realizado correspondente ao núcleo ou ao especificador.

Apresentado o arcabouço teórico relativo a advérbios e associando-o ao que já havia sido delinado em termos de composicionalidade, podemos afirmar que tanto argumentos internos, quanto externos, além de advérbios contribuem para a noção aspectual de uma dada sentença.

Em todos os trabalhos desenvolvidos sob o projeto maior “Traços formais na gramática mental de indivíduos com e sem déficit de linguagem”, levou-se em consideração o caráter composicional para o estudo do aspecto. Articulando os trabalhos trazidos nesta seção, por ora, pode-se chegar às seguintes conclusões: (i) tempo é uma noção dêitica, pois localiza situações no tempo” e aspecto relaciona-se a tempo interno da situação; (ii) há pelo menos duas formas

de considerarmos a noção aspectual: (a) lexical ou semântica e (b) gramatical. A primeira está relacionada às noções trazidas por Vendler (1957), por Smith (1997), na categoria “tipo de situação”, e por Verkuyl (2005), que aponta a noção de composicionalidade, em que os argumentos são fundamentais ingredientes no composto aspectual. A segunda noção aspectual – a gramatical – estaria ligada ao que Smith (1997) denomina aspecto ligado a ponto de vista e ao que Comrie (1985) indica como perfectivo e imperfectivo; (iii) determinados advérbios participam da composicionalidade aspectual. Essas noções, ora em conjunto, ora separadamente, nortearam vários trabalhos desenvolvidos dentro do projeto já assinalado neste artigo.

A seguir, apresentaremos algumas abordagens sobre a aquisição de tempo e aspecto.

### 3. Aquisição de tempo e aspecto por parte de crianças sem problemas de linguagem

As crianças, em processo de aquisição de linguagem, precisam adquirir um léxico e uma gramática. O primeiro pode ser ampliado ao longo de uma vida. Já a gramática é adquirida nos primeiros anos de vida, sem que as crianças tenham que fazer esforço. Nesse contexto, a pergunta: ‘o que determinaria essa rapidez na aquisição da gramática?’ surge e pesquisadores, à luz dos pressupostos teóricos da Gerativa, assinalam que isso se deve às categorias funcionais, dentre elas, a camada flexional de tempo. No caso das desinências relacionadas a tempo, sabemos que elas se ligam ao verbo e acumulam, além de tal noção, aquelas de modo e de aspecto. Por exemplo, em “amávamos”, a desinência -va- acumula noção de modo indicativo, tempo pretérito e aspecto imperfectivo.

Muitos estudiosos apresentam explicações para a aquisição de tempo e de aspecto e, nessa perspectiva, sugerem que são categorias distintas. No que diz respeito à primeira categoria, apresentaremos aquela proposta por Wexler, por ser, de alguma forma, retomada na explicação dos fenômenos pesquisados em nossos trabalhos.

Wexler (1996) assinala que as crianças conhecem a existência de categoria funcional de tempo desde muito cedo, indo ao encontro do que preconiza a Teoria Gerativa, ao postular a GU. Para o autor, as crianças conhecem ainda a relação de itens flexionais com traços morfológicos e sintáticos, a possibilidade de movimento de verbo quando o verbo é finito e a proibição disso quando o verbo não está na forma [+finito].

Em 1998, Wexler sofisticou sua proposta, ao observar que crianças em fase de aquisição de linguagem apresentavam falas em que ora havia morfemas de concordância e não havia morfemas de tempo, ora havia morfemas de tempo e não havia morfemas de concordância.

Nessa ocasião, Wexler propõe que haja uma Restrição de Checagem Única de traços, na gramática mental das crianças em fase de aquisição de linguagem. Assim sendo, na derivação de uma sentença na fala infantil, ora haveria unicamente a valoração dos traços no nódulo de concordância, ora haveria unicamente a valoração dos traços no nódulo de tempo. Os textos de Wexler nos permitem compreender a dissociação no nódulo de flexão temporal e, com isso, nos possibilitam pensar de forma mais confiante nas características da estrutura cognitiva imanente a vários pontos, dentre eles o tempo e o aspecto, categorias que nos permitem ver os eventos e os processos que constituem o mundo.

Ligados ainda a esse tema principal, temos muitos estudos em aquisição de linguagem preocupados em entender o motivo pelo qual grande parte de verbos que não têm fim inerente ocorrem na forma verbal imperfectiva e verbos que têm fim inerente surgem de forma mais recorrente na forma verbal perfectiva. Exemplos de tais estudos são: Bronckart e Siclair (1973), Bloom, Lifter e Hafitz (1980), Andersen (1989) e Shirai e Andersen (1995).

Bronckart e Sinclair (1973), em um estudo experimental do uso das formas verbais do francês por parte de crianças de dois anos e onze meses a oito anos e sete meses, verificou a relação semântica dos verbos e o surgimento de flexões verbais. Usando brinquedos, os pesquisadores pediam às crianças que falassem o que estava acontecendo. Embora fosse solicitado que as crianças somente falassem depois de elas terem tido a oportunidade de ver o que tinha acontecido, aquelas de até seis anos usaram diferentes formas para diferentes tipos de ação: ações que obtinham um resultado muito claro eram quase sempre descritas com passado composto, nos remetendo, portanto, à ideia de perfectividade. Outras ações com a noção de imperfectividade foram usadas, na fala das crianças, por verbos que permitiam a expressão de imperfectividade. Ações sem um objetivo explícito e ações que não tinham chegado ainda a algum resultado eram descritas no presente. Ou seja, para ações cuja semântica do verbo era de natureza télica, as crianças tendiam a colocar a flexão de aspecto perfectivo. Para aquelas situações em que o verbo mais adequado era de natureza atélica, as crianças tendiam a usar morfologia de aspecto imperfectivo. Logo, para os autores, não seria o tempo que estaria “guiando” o uso de flexão verbal e, sim, a semântica do verbo. Bronckart e Sinclair (*op. cit.*) concluíram, então, que crianças mais jovens usam flexões verbais em francês para codificar distinções de aspecto e não de tempo.

Bloom, Lifter e Hafitz adotam a noção de que a semântica dos verbos em inglês influencia o surgimento de flexões verbais. De acordo com os pesquisadores, resultados de investigações indicaram que os verbos durativos ocorreram mais vezes com flexões do tipo –*ing*, ao passo que verbos não durativos ocorreram mais com a flexão –*ed* e com marcas de

passado de verbos irregulares. Para os autores, a natureza dos verbos parece desencadear as formas imperfeito e perfectivo: aqueles caracterizados pelo traço durativo surgiriam na forma imperfectiva e aqueles marcados pela ausência do traço durativo ocorreriam na forma perfectiva.

Em uma perspectiva similar, temos a hipótese conhecida como Hipótese da Primazia do Aspecto e a Generalização de Li-Shirai. Conforme Andersen (1989) e Shirai e Andersen (1995), a Primazia do Aspecto é um fenômeno que limita o marcador de tempo e de aspecto a uma classe restrita de verbos de acordo com seu aspecto inerente. Para os autores, as flexões verbais produzidas pelas crianças em fase de aquisição da linguagem denotariam, na verdade, a noção de aspecto lexical, o que, nessa etapa, quer dizer que aspecto lexical determinaria o tipo de flexão verbal. A Generalização de Li-Shirai faz as seguintes previsões para as relações entre aspecto lexical e aspecto gramatical na fase de aquisição de linguagem: (a) o morfema de perfectivo deve se associar, primordialmente, a verbos *achievements* e *accomplishments* e, só mais tarde, passaria a ocorrer em verbos de atividade e estado; (b) formas imperfectivas surgiriam inicialmente com verbos de estados e, posteriormente, com verbos de atividade, *accomplishments* e *achievements*; e, por fim, (c) a morfologia de progressivo ocorreria, primeiramente, em verbos de atividade e, na sequência, com verbos *accomplishments* e *achievements* (LI; SHIRAI, 2000).

Em Schlyter (1990), também há a consideração que a categoria aspecto surge antes da categoria tempo no processo de aquisição. A autora afirma que crianças muito novas parecem não ser capazes de processar relações dêiticas complexas envolvendo tempo. Para a autora, as crianças expressam marcas linguísticas dos eventos do “aqui-e-agora”. Somente posteriormente é que elas seriam habilitadas também a usar formas para denotar um evento ocorrido em outro tempo e lugar.

Essa autora, em 2001, publica um artigo em que divulga resultados de pesquisa de advérbios de tempo e de aspecto, dentre outros. Schlyter (2001) aplicou testes em quatro crianças bilíngues falantes do sueco e do francês entre dois a quatro anos. A pesquisadora organizou os dados encontrados em três fases. Na primeira fase, em que as crianças tinham entre dois anos e dois anos e meio, não foram observadas marcas de flexão de tempo e de aspecto, nem auxiliares. Foram observados alguns advérbios, dentre eles, o *encore* (ainda), que foi o mais recorrente. No segundo estágio, fase em que as crianças tinham de dois anos e nove meses a três anos e quatro meses, observaram-se certos advérbios temporais e aspectuais em todas as crianças, como *maintenant* (agora), advérbio que parece representar o aspecto proximativo. Outros advérbios que ocorreram nesta fase são: *et puis* (e depois) e *après* (depois),

os quais, segundo a autora, são usados para referir-se a um ponto no tempo logo após a situação atual. O *déjà* (já), determinado por Cinque como tempo anterior, também ocorreu na fala das crianças nesta fase. Enfim, nessa segunda fase, para a autora, as crianças demonstram ter advérbios correspondentes às categorias funcionais de aspecto de nível intermediário da hierarquia de Cinque. Na terceira fase, em que as crianças tinham entre três anos e cinco meses a quatro anos e quatro meses, há o uso de tempo passado para referir-se a eventos passados e o uso de tempo futuro. De acordo com a autora, as crianças usaram o *et-puis* (e então), como forma de marcar sucessivos pontos de tempo no passado. Foram ainda observados os seguintes advérbios: *d'abord* (primeiro), *juste avant* (pouco antes), *après* (depois), *alors* (em seguida) e *maintenant* (agora). Para essa última fase, Schlyter (2001) observa que as crianças produziram advérbios de uma posição elevada levando-se em conta a hierarquia de acordo com a proposta de Cinque. Essas posições ainda não haviam sido utilizadas nas fases 1 e 2. O surgimento gradual de advérbios aspectuais e, depois, os de tempo, parece estar de acordo com a hierarquia proposta por Cinque.

Como parte deste trabalho versa sobre uma pesquisa sobre aquisição de tempo e de aspecto por parte de crianças DEL, a próxima seção será dedicada à caracterização de tais indivíduos.

### 3.1. Aquisição de linguagem por parte de crianças DEL

As crianças, de um modo geral, de um a três anos, adquirem a gramática de sua língua. Entretanto, as crianças DEL, nesse mesmo período, apresentam dificuldade na aquisição da linguagem, embora não tenham outros comprometimentos cognitivos (não têm problemas neurológicos e auditivos, nem deficiência na estrutura oral. Além disso, não são autistas e devem ter um QI não verbal mínimo igual a 85. As crianças DEL apresentam problemas exclusivamente na aquisição da linguagem. Por isso, estudos da gramática do indivíduo DEL podem contribuir para um melhor entendimento das teorias que visam a estudar a organização da linguagem e seu desenvolvimento, perspectiva em que se insere a Teoria Gerativa.

Wexler, Schutze e Rice (1998) realizaram uma pesquisa comparando o desenvolvimento linguístico de crianças DEL e crianças com desenvolvimento normal de linguagem, a fim de validar as explicações realizadas em Wexler (1998). As análises são parecidas com aquelas feitas em Wexler (1998). Wexler, Schutze e Rice (1998) afirmam que tanto a gramática dos indivíduos DEL quanto a de crianças sem problemas de linguagem são guiadas pelos mesmos princípios e que atuaria a Restrição de Checagem Única. Porém, o desenvolvimento da gramática da criança sem déficit, em um dado momento, seria similar à gramática de um

indivíduo normal adulto e o mesmo não ocorreria com a criança DEL, a qual teria seu processo de aquisição de linguagem mais lento ou nunca conseguiria apresentar uma gramática similar à de um adulto normal.

#### **4. Metodologia**

Nesta seção, será explicitada a metodologia adotada para este artigo. Conforme já apontado, este trabalho visa a apresentar um histórico e reflexões acerca de resultados de vários estudos empreendidos dentro do projeto de pesquisa, coordenado por mim, denominado: “Traços formais na gramática mental de indivíduos com e sem déficit de linguagem”. Assim sendo, serão apresentadas, nesta seção, as pesquisas que foram elencadas, as amostras analisadas, os objetivos de cada trabalho e a forma como os dados linguísticos produzidos pelos indivíduos de tais amostras foram compreendidos. As pesquisas elencadas foram Hermont (2013), Hermont & Morato (2014), Miranda (2018), Castro & Hermont (2017) e Castro & Hermont (a sair).

Tanto em Hermont (2013) quanto em Hermont & Morato (2014), houve a análise de falas espontâneas de crianças em fase normal de aquisição de linguagem. Nos dois trabalhos, observou-se a produção linguística de crianças em fase de aquisição da linguagem e selecionaram-se todas as expressões verbais. Em Hermont (2013), foi feito um trabalho longitudinal, perfazendo o desenvolvimento da linguagem da criança por cerca de quatro anos e meio (de um ano e seis dias a cinco anos e seis meses). Em Hermont & Morato (2014), foi feito um estudo de caso com uma criança em fase normal de aquisição de linguagem e o período investigado foi de aproximadamente dois anos, quando a criança tinha de um ano e cinco meses a três anos e quatro meses. Em ambos os trabalhos, o objetivo era verificar a representação de tempo e aspecto na gramática da criança em fase de aquisição de linguagem. A pesquisa, em ambos os trabalhos, foi realizada a partir de todas as expressões verbais produzidas, detendo-se nas produções de tempo e de aspecto de cada forma verbal. Na sequência, foi estabelecida a relação entre as ocorrências de aspecto lexical e aspecto gramatical da mesma forma verbal.

Nesses dois trabalhos, também foram verificados resultados de testes de eliciação aplicados em crianças DEL. Para fins deste artigo, vamos nos deter em Hermont & Morato (2014), em que foi selecionada uma criança DEL de 12 anos. O desempenho linguístico dessa criança foi comparado ao desempenho linguístico de duas crianças com desenvolvimento normal de linguagem, denominadas crianças controle. Uma tinha a mesma idade do menino

DEL e a outra, o mesmo MLU (mesmo número de palavras por minuto) que o menino DEL. As crianças controle eram do mesmo sexo e mesma classe sociocultural que o menino DEL. Foram usados testes de eliciação, que visam a provocar o surgimento de uma dada expressão linguística. Esse tipo de estratégia é usado quando o que se quer examinar ocorre com baixa frequência na fala espontânea (Crain e Thornton, 2000, p. 141). O objetivo era de provocar o surgimento de verbos no tempo presente com o passado, e o aspecto perfectivo e o imperfectivo. Assim, os testes de eliciação de tempo e aspecto foram constituídos da seguinte forma: (i) presente, com aspecto progressivo, sob a forma de perífrase e (ii) pretérito imperfeito, com aspecto progressivo, sob a forma de perífrase.<sup>4</sup>

Em Miranda (2018), foram pesquisadas as falas de oito crianças entre dois a cinco anos e quatro meses, sendo dois homens e seis mulheres. Todas as gravações foram realizadas por Miranda (2018). O trabalho teve como objetivo a análise de advérbios de tempo e de aspecto no processo de aquisição de linguagem. Tomando como base todo enunciado (composto de uma ou mais palavras) com algum sentido e que foi produzido pelas crianças em suas interações, foram analisadas 1013 frases. Nelas, foram encontrados 444 advérbios e, desses, foram selecionados os advérbios de aspecto e os advérbios de tempo.

Em Castro & Hermont (2017), foi analisada a fala de uma criança entre dois anos e um mês e dois anos e nove meses, portanto, um período de oito meses. Os dados foram extraídos do *corpus* do projeto “Letramento e Desenvolvimento de Linguagem Escrita: construção social, ensino e aprendizagem de língua escrita”<sup>5</sup>. Foram consideradas 120 formas verbais produzidas pela criança. Não foram consideradas, neste total de dados, as formas no infinitivo, imperativo e tempo futuro, pois elas não marcariam aspecto em nenhuma de suas ocorrências. Também foram descartadas as falas cujas produções verbais tinham apoio na fala da mãe ou que eram repetidas. Em Castro & Hermont (a sair), os dados analisados pertencem ao acervo do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio)<sup>6</sup>. Foram realizadas 47 sessões para a coleta dos dados, as quais tinham a periodicidade semanal com duração aproximada de 15 minutos. Os dados são do tipo espontâneo e foram obtidos por meio da gravação da fala da criança em momentos de interação com sua própria mãe. A criança

---

<sup>4</sup> Foram eliciadas também as seguintes estruturas: (i) presente, com aspecto habitual, sob a forma de tempo simples; (ii) pretérito perfeito, aspecto perfectivo, sob a forma de tempo simples. Entretanto, neste artigo, não serão tratados os resultados relativos a essas estruturas.

<sup>5</sup> O projeto foi desenvolvido entre 1991 e 1995, sob a coordenação da professora Roxane Helena Rodrigues Rojo, que permitiu a utilização do *corpus*.

<sup>6</sup> Os dados foram coletados por Martins (2007) durante os anos de 2003 e 2004 para sua tese de doutorado. Foi permitido o acesso aos dados pela professora Leticia Maria Sicuro Corrêa.

informante foi acompanhada dos 18 aos 28 meses. O objetivo dos dois trabalhos era o de investigar a relação entre aspecto lexical e aspecto gramatical nas fases iniciais do processo de aquisição da linguagem. Sendo assim, os dados foram observados levando-se em conta se as formas verbais eram caracterizadas como estado, atividade, *accomplishments* e *achievements*, de um lado, e se as formas verbais surgiram como perfectivas e imperfectivas, de outro lado. Nos dois trabalhos, não foram realizadas análises do tempo verbal e, sim, do aspecto. Nessa perspectiva, os verbos no tempo presente eram tomados como imperfectivos, junto às formas no pretérito imperfeito, as quais eram contrapostas às formas verbais no pretérito perfeito.

## 5. Os resultados e as análises

A seguir, serão apresentados os resultados das cinco pesquisas em dois blocos. O primeiro evidenciará os dados relativos à aquisição de tempo e de aspecto. Para tanto, apresentaremos resultados de Hermont (2013), Hermont & Morato (2014) e Miranda (2018). O segundo bloco tratará da discussão dos dados relativos às pesquisas que visaram à compreensão da relação aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Assim, serão expostos os resultados encontrados em Hermont (2013), Castro & Hermont (2017) e Castro & Hermont (a sair).

### 5.1. Aquisição de tempo e aspecto

Em Hermont (2013), observando a natureza das formas verbais na fala da criança no período analisado, obtiveram-se os seguintes resultados:

**Quadro 1:** Flexão verbal na aquisição de linguagem

1 ano e 6 dias		2 anos e 5 meses		3 anos e 4 meses		3 anos e 7 meses		5 anos e 6 meses	
Presente	57%	Presente	17%	Presente	27%	Presente	22%	Presente	20%
		Pretérito	33%	Pretérito	73%	Pretérito	33%	Aux. Presente +	
Pretérito	43%	Imperativo	17%			Imperativo	11%	Gerúndio	10%
		Infinitivo	33%			Infinitivo	11%	Aux. Presente +	
						Futuro	11%	Infinitivo	50%
								Pretérito	10%

Fonte: Hermont (2013)

A partir da leitura deste quadro, verifica-se que, desde um ano, a criança consegue flexionar o tempo no pretérito, o que nos sugere que a categoria tempo e as operações ligadas à flexão de tempo verbal estão disponíveis para as crianças desde muito cedo. Isso vai ao encontro dos pressupostos nos quais se assentam a GU e as propostas de Wexler (1996 e 1998). Percebe-se

também que até os três anos e sete meses a criança produzia verbos na sua forma simples e algumas na forma não finita. Já aos cinco anos e meio, o quadro é outro: a criança já produz formas verbais perifrásticas, portanto, mais sofisticadas.

Se em Hermont (2013) foram verificadas perífrases verbais somente aos cinco anos e meio, o mesmo não ocorreu em Hermont & Morato (2014). Nesse trabalho, a criança, entre um 1 ano e 5 meses e 1 ano e 8 meses, produziu sentenças no modo imperativo, na forma infinitiva, e usou os tempos presente e pretérito perfeito simples. Mas, com um ano e nove meses, a criança já apresentou em sua fala construções mais complexas, uma vez que foram identificadas sentenças com o verbo auxiliar no presente e o verbo principal no infinitivo ou no gerúndio. Ou seja, antes de dois anos, a criança usou perífrases verbais. A partir de três anos e quatro meses, foram identificadas formas verbais no futuro e no pretérito imperfeito. Portanto, nessa idade, a criança demonstra o domínio do pretérito, presente e futuro, bem como o aumento da produção de perífrases verbais e as noções aspectuais de perfectivo e imperfectivo.

A seguir, serão apresentados alguns exemplos encontrados em Hermont & Morato (2014). Na coluna da esquerda, encontram-se dados verbais com manifestação somente de aspecto; na coluna da direita, verbos com manifestação das categorias de tempo e aspecto.

**Quadro 2** – Exemplos de sentenças com categorias de Tempo e Aspecto

Marcações apenas de Aspecto	Marcações de Tempo e Aspecto
Eu queria que cê dormindo comigo.	Pensa que eu to ouvindo.
Zogandu bola.	Eu tôôô iiindo!

Fonte: Hermont & Morato (2014)

Em relação aos testes de eliciação de formas perifrásticas aplicados na criança DEL, obtiveram-se os seguintes resultados:

Quadro 3 - Resultados obtidos após a aplicação de testes de eliciação de tempo presente e aspecto progressivo e de tempo pretérito imperfeito e aspecto progressivo

Crianças	Forma verbal eliciada:	
	Presente	Progressivo
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
<b>DEL</b>	<b>86,6%</b>	<b>68,4%</b>
<b>Controles</b>	100%	96,7%
Crianças	Forma verbal eliciada:	
	Pretérito Imperfeito	Progressivo
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
<b>DEL</b>	<b>53,3%</b>	<b>91,7%</b>
<b>Controles</b>	98,75%	96,25%

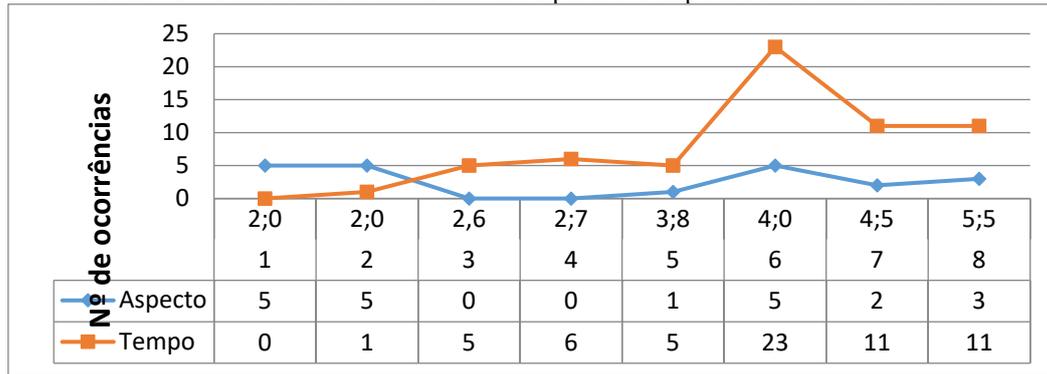
Fonte: Hermont & Morato (2014)

Pode-se observar, nessa tabela, que, nas tarefas de eliciação de tempo presente e aspecto progressivo e de tempo passado e aspecto progressivo, as crianças sem problemas de linguagem deram respostas de acordo com o esperado 100% ou perto disso. Entretanto, a criança DEL produziu mais respostas com o tempo eliciado e produziu, nas mesmas situações, menos aspecto verbal eliciado e ora o quadro inverteu-se: ou seja, a criança DEL produziu mais respostas com o aspecto verbal eliciado e produziu, nessas mesmas situações, menos tempo verbal eliciado. Tal resultado sugere, nos moldes de Wexler (1998), que há uma restrição no momento da checagem (Wexler, 1998). Se se considera aspecto verbal como uma projeção (no lugar do nódulo de concordância), cujo núcleo seria ASP e cujo especificador seria dotado de traços de EPP, tal como proposto para T, pode-se indicar que a Restrição de Checagem Única parece ser uma propriedade que atua em vários níveis da gramática da criança em processo normal de aquisição da linguagem e na aquisição de linguagem por parte da criança DEL. Ou seja, ora haveria valoração dos traços de aspecto e não valoração dos traços de tempo e ora ocorreria o oposto. Dessa forma, não haveria uma derivação que fracassaria nem na gramática da criança muito nova, nem na gramática da criança DEL. Sua gramática seria regida por uma propriedade de Restrição de Checagem Única e não implicaria nenhuma violação da gramática universal.

Com a apresentação dos principais resultados das duas pesquisas, verifica-se a possibilidade de considerar a cisão do nódulo de tempo em, pelo menos, dois nódulos – tempo e aspecto – e constata-se que, quando marcas morfológicas de tempo se ausentam de uma frase produzida pelas crianças, o mesmo não ocorre com a categoria aspecto, já que sentenças como ‘zogando bola’ foram produzidas. Isso pode sugerir que aspecto está presente na gramática infantil e, talvez, surja antes da noção temporal.

Se em Hermont (2013) e Hermont & Morato (2014), a meta maior era verificar a cisão do nódulo flexional em, pelo menos, tempo e aspecto, em Miranda (2018), o principal objetivo, além do mapeamento dos advérbios de tempo e de aspecto, era o de verificar qual dos constituintes surgiria primeiramente na fala de crianças. Foi verificado que os advérbios de aspecto surgem primeiro que os advérbios de tempo, conforme pode-se verificar no gráfico a seguir:

**Gráfico 1 - Ocorrência dos advérbios de Aspecto e Tempo nas falas dos informantes**



Fonte: Miranda (2018, p.110)

A partir da leitura do gráfico acima, verifica-se que, até os dois anos, há somente advérbios de aspecto na fala infantil e nenhum advérbio de tempo. À medida que este último constituinte surge na fala das crianças em processo de aquisição de linguagem decresce o número de advérbios de aspecto. Deve-se salientar que 21 de advérbios de aspecto foram produzidos e são eles: ‘de novo’ (o mais recorrente), ‘ainda’, sempre, todo dia, outra vez e nunca. As crianças produziram maior quantidade de advérbios de tempo – o total foi de 62 - e eles são: ‘agora’ (este foi o mais recorrente), ‘depois’, ‘hoje’, ‘na próxima vez’, ‘amanhã’, ‘logo’, ‘outro dia’.

Desses resultados, verifica-se algo interessante: em concordância com vários autores, advérbios de aspecto emergem primeiro que os de tempo. Além disso, o mais recorrente advérbio aspectual observado foi o “de novo”. Esse é um constituinte que se encontra entre os níveis mais baixo da hierarquia de Cinque. Na verdade, observando o gráfico e conforme afirma o próprio Miranda (2018, p. 107), os advérbios de aspecto surgem em estágios iniciais, portanto, há evidência de que os advérbios mais baixos, como os aspectuais, seriam os primeiros a serem adquiridos. Somente depois é que surgem advérbios de tempo, uma categoria funcional mais alta. Tal resultado possibilita a validação da proposta de Schlyter (2001), que associa os estudos sobre aquisição de aspecto e tempo à hierarquia de advérbios e categorias funcionais proposta por Cinque (1999).

## 5.2 Relação aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical

A seguir, serão apresentados resultados relativos às pesquisas que tiveram como objetivo verificar a relação aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Em Hermont (2013), foi possível observar o seguinte:

**Quadro 4:** Cruzamento de aspecto lexical por aspecto gramatical em aquisição de linguagem

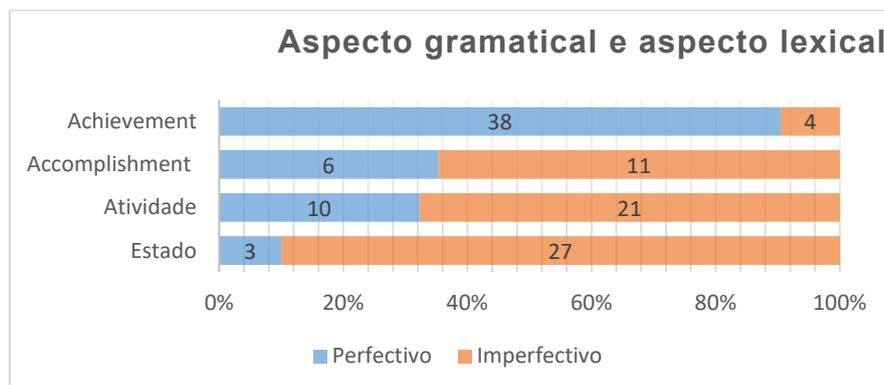
Aspecto lexical	1 ano e 6 dias	2 anos e 5 meses	3 anos e 4 meses	3 anos e 7 meses	5 anos e 6 meses
Atélico		Perfectivo 17%			
	Imperfectivo 14%		Imperfectivo 27%	Imperfectivo 18%	Imperfectivo 10%
		Sem marcação morfológica 17%		Sem marcação morfológica 23%	
Télico	Perfectivo 43%	Perfectivo 17%	Perfectivo 64%	Perfectivo 47%	Perfectivo 90%
	Imperfectivo 43%		Imperfectivo 9%		
		Sem marcação morfológica 49%		Sem marcação morfológica 12%	

Fonte: Hermont (2013)

Pode-se verificar que verbos caracterizados pelo traço télico foram mais comuns na fala da criança pesquisada. Além disso, constata-se que há uma tendência a surgir mais formas no imperfectivo quando os verbos são marcados pela atelicidade e os verbos identificados pela telicidade surgem, em grande parte das vezes, na forma verbal perfectiva.

Em Castro & Hermont (2017), foi realizado um estudo para verificar a relação aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Os dados coletados foram tabulados levando-se em conta os tipos de verbos estado, atividade, *accomplishments* e *achievements* e foram considerados os traços [+/-durativo], [+/-télico], [+/-estativo], além da classificação perfectiva e imperfectiva. Obteve-se o seguinte resultado:

**Gráfico 2:** Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto semântico I



Fonte: Castro & Hermont (2017, p. 417)

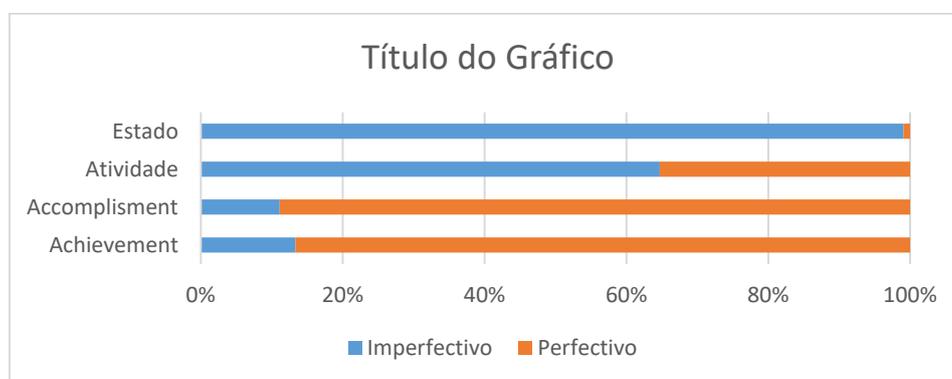
Conforme pode-se verificar, no gráfico acima, há uma estreita relação forte entre eventos e situações sem fim inerente, como os verbos de estado e de atividade, ocorrendo em formas verbais imperfectivas e entre eventos com fim inerente, como os verbos *achievements*, ocorrendo sob a forma verbal perfectiva. Entretanto, o que não estava previsto pela teoria é o

surgimento de 67% de verbos com aspecto lexical *accomplishment* ocorrendo com a morfologia de imperfeito.

Nesse trabalho, as autoras explicaram o resultado não esperado com a observação dos traços caracterizadores de cada tipo de verbo. Embora os verbos de estado e de atividade sejam marcados pela atelicidade e os *accomplishments* sejam caracterizados pela telicidade, todos os três tipos de verbos têm como traço comum a propriedade semântica de duratividade, que é compatível com a característica do imperfeito de expressar a constituição temporal interna da situação. Para explicar a relação entre *accomplishment* e imperfeito, as autoras partiram da hipótese da Primazia do Aspecto, para a qual, nas etapas iniciais de aquisição de uma língua, os morfemas flexionais se limitam a veicular o aspecto lexical, e foi considerada a possibilidade de o traço de duratividade ser mais proeminente para a criança do que o traço de telicidade.

Se em Castro & Hermont (2017) houve um resultado não esperado, em Castro & Hermont (a sair), o mesmo não ocorreu. Nesse trabalho, o mesmo objetivo da pesquisa anterior foi mantido: o de compreender a relação entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Os resultados da pesquisa de Castro & Hermont (a sair) podem ser observados no gráfico seguinte:

**Gráfico 3** – Correlação entre o aspecto gramatical e o aspecto semântico II



Fonte: Castro & Hermont (a sair)

Verificando inicialmente o gráfico anterior, podemos afirmar que *Hipótese da Primazia do Aspecto* se confirma. Ou seja, os morfemas de tempo e aspecto parecem codificar aspecto lexical nas fases iniciais de aquisição da linguagem. Isso porque há correlação entre verbos de estados/atividades e imperfetividade, de um lado, e verbos *achievements/accomplishments* e perfectividade, de outro lado.

Quando se comparam os resultados de Castro & Hermont (2017) e de Castro & Hermont (a sair), verifica-se que as únicas correlações, que, de fato, são incontestáveis dizem

respeito às relações entre verbos de estados na forma verbal imperfectiva e verbos *achievement* ocorrendo na forma perfectiva. Entretanto, se se observarem os resultados das relações entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical para os verbos *accomplishments* e de atividade, tem-se, para o primeiro tipo de verbo, em Castro & Hermont (2017), um resultado não previsto pela teoria e que no texto mencionado foi explicado pela provável proeminência do traço de duratividade no processo de aquisição de linguagem. Para os verbos de atividade, os resultados são os esperados, mas surgiram formas produzidas no perfectivo, ainda que não sejam a maioria.

Para tentar explicar os casos não previstos, Castro & Hermont (a sair) resolveram analisar os dados numa perspectiva composicional, em que os verbos –ADDTO devem ocorrer no imperfectivo e os +ADDTO devem surgir no perfectivo ou no imperfectivo dependendo do complemento.

As autoras, inspiradas em Bertinetto (2001) e Verkuyl (2005), propuseram a seguinte figura:

**Figura 5** – Traços distintivos e classes aspectuais

[-ADDTO] [+Estativo] [-Dinâmico]	[+ADDTO] [-Estativo] [+Dinâmico]		
Estado	Atividade	Accomplishment	Achievement
[-Télico] [+Homogêneo]		[+Télico] [-Homogêneo]	

Fonte: Castro & Hermont (a sair)

Em Castro & Hermont (a sair), a proposta é analisar as tendências em relação às formas verbais encontradas e mais: os dados encontrados na fala da criança pesquisada parecem resultar de uma interpretação composicional do aspecto. Assim, os verbos de estado, marcados por [-ADDTO], que não expressam dinamicidade, mudança e são, portanto, estativos, tiveram marcação imperfectiva. Já os verbos de *achievement*, caracterizados pelo traço [+ADDTO], logo denotam dinamicidade, mudança e não estatividade, como *cair* e *acabar*, surgiram na forma verbal perfectiva. Os verbos de atividade, também caracterizados por [+ADDTO], mas que não tinham complementos verbais com informação quantificadora [-SQA], como *comer* e *passar*, tiveram tendência a imperfectividade, e os accomplishments, [+ADDTO] combinados a argumentos internos com quantificação [+SQA], como *fazer algo específico*, tiveram marcação predominantemente perfectiva.

Assim, Castro & Hermont (a sair), assumem que a relação entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical, em dados de aquisição de linguagem, podem ser mais bem explicados pelo processo de composição aspectual.

## 6. Considerações Finais

Este trabalho apresentou resultados de vários estudos desenvolvidos sob o projeto “Traços formais na gramática mental de indivíduos com e sem déficit de linguagem”.

Em Hermont (2013) e Hermont Morato (2014), foram desenvolvidas pesquisas em aquisição de linguagem típica e atípica, as quais produziram resultados que permitiram a consideração da flexão verbal cindida em pelo menos nódulos funcionais: tempo e aspecto. Essa postulação possibilita vislumbrar-se como tais categorias funcionais estão representadas a gramática mental e como possivelmente uma derivação ocorre na gramática mental de uma criança. Nessa perspectiva, foi adotada a atuação da Restrição de Checagem Única, proposta adaptada de Wexler (1998) em que ora uma categoria teria os traços valorados, ora outra. Além disso, essa restrição foi estendida à gramática da criança DEL, que teria o processo de aquisição das categorias tempo e aspecto mais lento que as crianças sem déficit linguístico, mas nunca algo completamente distinto dessas. A assunção de tal restrição é interessante quando se fala de uma teoria que adota a noção de Gramática Universal.

Com os resultados de Miranda (2018), pode-se verificar a importância do advérbio de tempo e de aspecto para explicar questões cognitivas relacionadas à percepção do aspecto tanto no processo de aquisição de linguagem, quanto na abordagem sobre composicionalidade. Em relação ao que se coloca primeiramente, o trabalho evidenciou que as crianças demonstram, no desenvolvimento da linguagem, advérbios de aspecto antes de advérbios de tempo. Esse resultado vai ao encontro de vários estudos aqui apresentados, tais como os de Bronckart e Siclair (1973), Bloom, Lifter e Hafitz (1980), Andersen (1989), Shirai e Andersen (1995) e Schlyter (2001). Além disso esse resultado parece validar a proposta da hierarquia de advérbios e categorias funcionais de Cinque (1999), em que advérbios aspectuais estariam em nível inferior aos de tempo, portanto, adquiridos mais cedo. Há entretanto uma pergunta que se pode fazer após a observação dos dados encontrados em Miranda (2018): por que os advérbios de aspecto ocorrem em menor quantidade que os advérbios de tempo, após o surgimento desses últimos? Seriam os advérbios de tempo acumuladores de noções de aspecto e de tempo em algum contexto? Pesquisas nesse sentido devem ser empreendidas.

Ainda em relação aos advérbios, pode-se sugerir que, uma vez determinadores de traços de tempo e de aspecto, eles devem ser assumidos como constituintes na composição aspectual.

Por fim, os trabalhos de Hermont (2013), Castro e Hermont (2017) e Castro & Hermont (a sair) tiveram como objetivo compreender a relação entre aspecto lexical/semântico e aspecto gramatical. Houve, no primeiro trabalho, a descrição de resultados evidenciando verbos marcados pelo traço télico ocorrendo na forma perfectiva e verbos caracterizados pela atelicidade surgindo na forma imperfectiva. Nos outros dois trabalhos, constatou-se que, de fato, a correlação parece estar garantida entre os verbos de estado, que ocorrem na forma imperfectiva, e os verbos *achievements*, que ocorrem na forma perfectiva. Em Castro & Hermont (2017), acena-se para a possibilidade de o traço de duratividade ser mais proeminente que o de telicidade, para justificar o grande número de verbos *accomplishments* na forma verbal imperfectiva. Já no texto de Castro & Hermont (a sair), a proposta é fazer uma interpretação composicional do aspecto. Nessa perspectiva, entram em jogo os traços de dinamicidade, mudança e de estatividade dos verbos, além da possibilidade ou não de quantificar os argumentos internos e externos. Conforme também colocado neste artigo, entram em cena em tal composicionalidade os advérbios.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, R. The acquisition of verbal morphology. Los Angeles University of California. Published in Spanish as 'La adquisición de la morfología verbal'. *Linguística*, v.1, p. 89-141, 1989.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. T. *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- BLOOM, Lois; LIFTER, Karin; HAFITZ, Jeremie. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. *Language*, v. 56, n.2, 1980.
- BORER, Hagit. *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris Publications, 1984.
- BRONKART, J. P.; SINCLAIR, H. Time, tense and aspect. *Cognition*, v. 2; p. 107-30, 1973.
- CASTRO, G. G.; HERMONT, A. B. A relação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical em contexto de aquisição da linguagem. *Percursos Linguísticos*, v. 7, n. 14, p. 405-420, 2017.
- \_\_\_\_\_. Aquisição da linguagem e composicionalidade aspectual. 2018. No prelo.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

- CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. New York: Cambridge University Press, 2000a.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- HERMONT, Arabie Bezri. Traços formais na gramática mental de indivíduos com e sem déficit de linguagem. In: Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2013, Pará - Belém. [Anais do] *IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*. Belém - Pará: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, 2013. v. 1. p. 121-130.
- HERMONT, A. B.; MORATO, R. A. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. *Revista Linguística*, n. 1, v. 10, p. 213-233, 2014.
- ILARI, Rodolfo. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, Rodolfo (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*: vol. 2. São Paulo: Contexto, 2002.
- MIRANDA, Washington Gomes de. *Advérbios de tempo e aspecto no processo de aquisição da linguagem*. Belo Horizonte, 2018. 174f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ROCHA, Maura A. Freitas e LOPES, Ruth E. Vasconcelos. Adjunção. In: KATO, Mary & NASCIMENTO, Milton (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: vol. 2: A construção da sentença. São Paulo: Contexto, 2015.
- SCHLYTER, Suzanne, 1990. *The acquisition of tense and aspect*. In: Meisel, J. (Ed.), *Two First Languages. Early Grammatical Development in Bilingual Children*. Foris, Dordrecht, pp. 87–121.
- SCHLYTER, Suzanne, 2001. *Adverbs and Functional Categories in L1 and L2 Acquisition of French*. ms., In: Univ. of Lund (to appear in Dewaele, J.M. (Ed.), *Focus on French as a Foreign Language: Multidisciplinary Approaches*. Multilingual Matters).
- SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. 2ª. ed. Dordrecht: Springer Science+Business , v. 43, 1997.
- SHIRAI, Y; ANDERSEN R.W. The acquisition of tense-aspect morphology: A prototype account. *Language*, 71: 743-762, 1995.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4ª. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957.
- VERKUYL, H. J. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, H. J.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. *Perspectives on Aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39.
- WEXLER, Kenneth. The development of inflexion in a biologically based theory of language acquisition. In: RICE, Mabel L. *Toward a genetics of language*. Mahwah, NJ: Lawrence. Erlbaum Assoc., 1996.

WEXLER, Kenneth. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, v. 106, p. 23-79, 1998.

WEXLER, Kenneth; SCHÜTZE, Carson, T.; RICE, Mabel. Subject case in children with SLI and unaffected controls: evidence for AGR/TNS omission model. *Language Acquisition*, v. 7, n.2-4, p. 317-344, 1998.